

MARÉ VIVA

Director (interino): ANTONIO SANTOS

SEMANÁRIO

ANO II — N.º 93 — Preço 5\$00 — 24/4/78

O JORNAL QUE QUEREMOS

«Maré Viva» aparece hoje profundamente renovado. É uma nova fase que se inicia na vida do jornal, uma etapa que nos dispomos a cumprir com o desejo de melhorar o trabalho que fazemos e ir ao encontro daquilo que se espera deste jornal.

Aparecem novas secções, procura-se diversificar o conteúdo, intenta-se abri-lo mais declaradamente à discussão sem rodeios dos problemas que nos atingem.

Mas sozinhos não poderemos ultrapassar todas as dificuldades. Uma derivada do próprio trabalho de fazer o jornal, da nossa maior ou menor capacidade. Aqui desejamos que se reforce a participação crítica dos leitores, as sugestões de temas a tratar, as indicações que nos levem a aproximar o «Maré Viva» cada vez mais daquilo que para ele imaginamos.

Mas há outras dificuldades que têm também o seu peso: a sempre presente questão dos apertos económicos. Por isso, a este número em formato maior e com 8 páginas, se seguirão outros de igual formato mas com 6 páginas, até que o aumento de sócios da Nascente e de assinantes permita fazer fase às despesas com um jornal de 8 páginas todas as semanas.

Por isso estamos todos comprometidos com esta nova arrancada. Da parte da equipa que faz o «Maré Viva» há a vontade para o esforço necessário; a contrapartida dos nossos leitores terá que ser o apoio para a divulgação do jornal e a adesão de novos sócios à Nascente.

É um desafio que deixamos a todos nós, com a confiança em que será aceite.

25 DE ABRIL

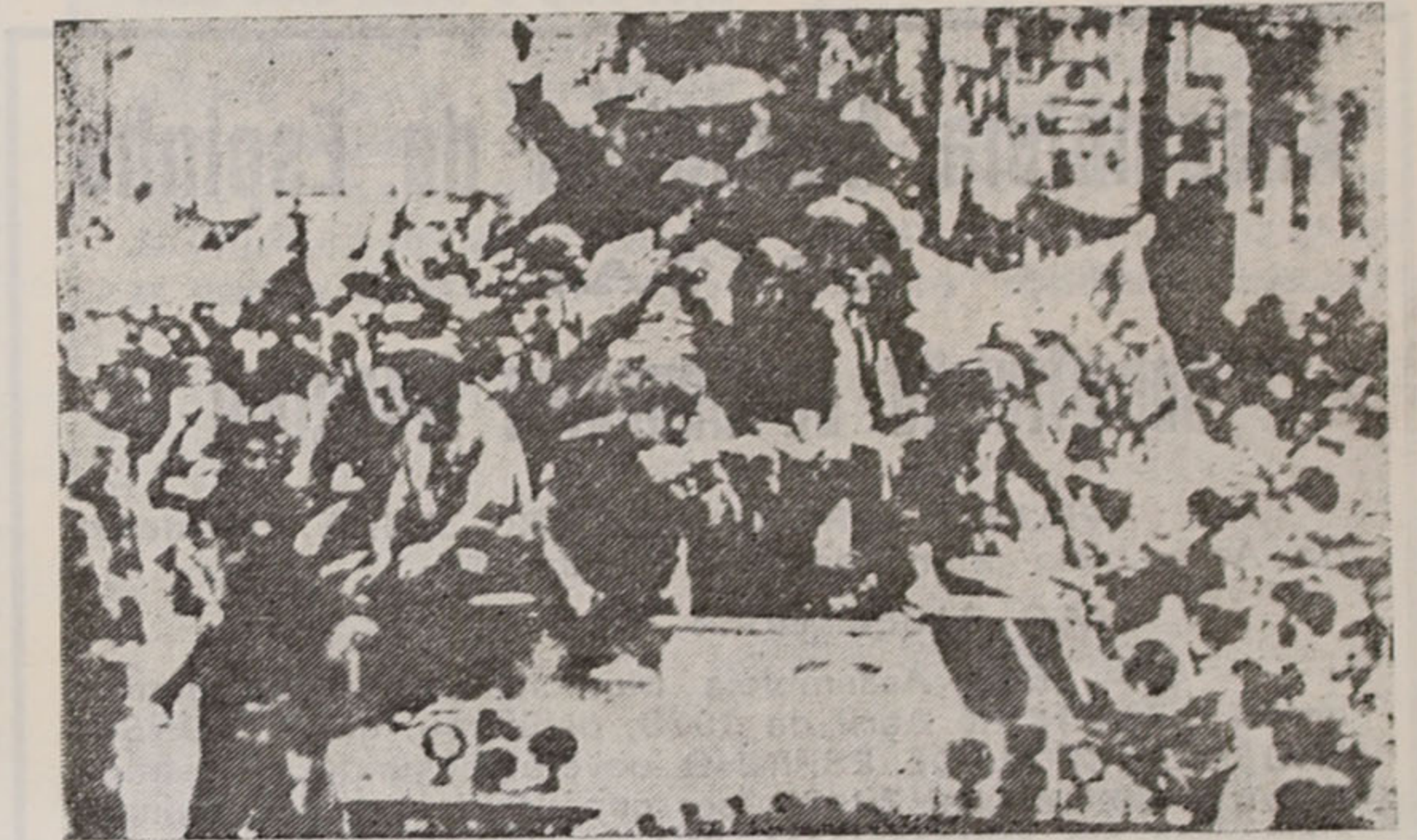
OUTRA MARÉ VIVA VIRÁ DA MARÉ VASA
(de uma canção de Sérgio Godinho)

Mais um pouco e o 25 Abril teria passado da hipótese viável que foi à realidade que o povo que a criou desejava e merecia. E uma nova cultura, popular e nacional, teria desabrochado nesta terra estéril e o rosto deste país teria sido renovado.

O 25 de Abril não será pois o que aquelas manifestações populares de arte, de música, de teatro, de pintura, de convívio e amizade entre as pessoas, de empenhamento colectivo nos problemas da comunidade faziam adivinhar.

Os verões da nossa esperança na fartura dessas searas foram frustradas pela insensatez de uns, pela incapacidade de outros, pela desonestidade de alguns e pela determinação de não poucos de provocar, a todo o custo, o regresso ao fado das nossas misérias.

Porém, «outra maré viva virá da maré vasa». Mas, entretanto, o 25 de Abril, este quase passou há 4 anos, continuará a ser o aviso da certeza que adquirimos



de que é possível, de que está ao nosso alcance mudar as coisas e não apenas o nome das coisas. É esta clara consciência da nossa capacidade e da nossa força que ele nos trouxe e de que ninguém nos poderá privar pela mesma razão que ninguém consegue recolher a luz que foi derramada.

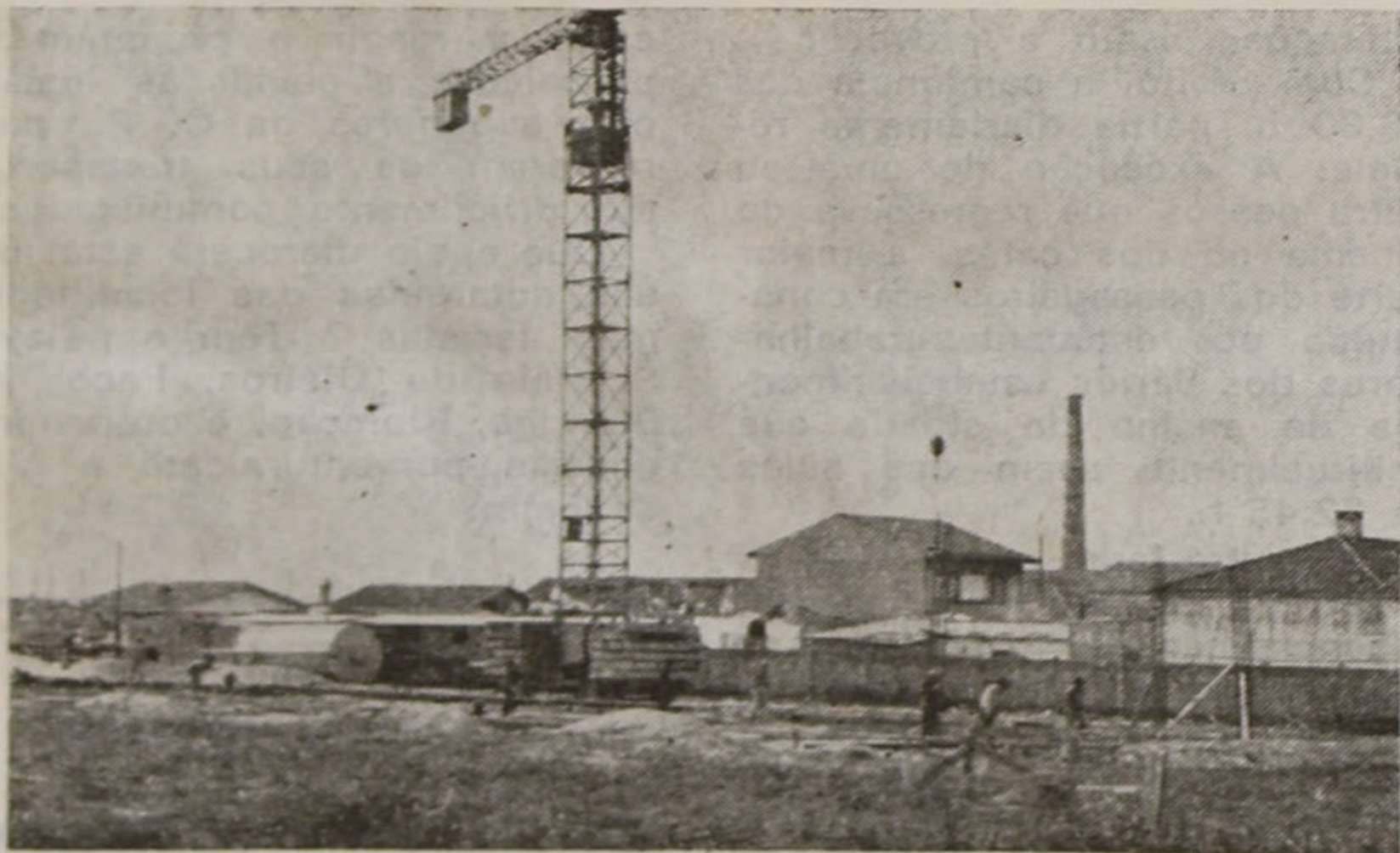
Neste 25 de Abril que agora passa mantenhámo-lo bem vivo este desejo, esta procura, esta determinada vontade de dizer o que

não foi dito, de fazer o que não foi feito, de demolir os escombros para construir de novo, de resolver e agir pela nossa própria vontade.

Assim salvaremos a maior conquista de Abril: esta vontade colectiva de assumirmos o nosso próprio destino e a consciência muito viva de que isso é possível e será uma realidade porque de nós depende transformar esta maré vasa numa nova e promissora maré viva.

NOVO BAIRRO NA MARINHA

MAÇÃ BOA EM CESTO DE MAÇÃS PODRES
(PÁGINA DOIS)



AS PORTAS QUE ABRIL ABRIU

(PÁGINAS CENTRAIS)

Assembleia Municipal contra Custo de Vida

(PÁGINA 8)

SPORTING DE ESPINHO: um clube a abater?

O S. C. E. é sem dúvida o clube local que maiores responsabilidades tem na sua função social de levar o desporto às populações. A movimentação dos seus atletas em todas as modalidades amadoras que se praticam no clube é uma importante contribuição para o desenvolvimento físico e psíquico da juventude espinhense.

Mas parece que nem todos estão convencidos da importância do clube no seio da colectividade e alguns factos recentemente verificados levam-nos a perguntar se não se pretende abater o S. C. E. Aproxima-se a eleição

para a nova Direcção do clube. A equipa de futebol profissional não proporciona os ambicionados resultados e receia-se a despromoção. A situação interna do clube é de certa instabilidade. Porém as ajudas para resolver esta situação não são as melhores. Antes pelo contrário, certas entidades de quem normalmente os clubes esperam auxílio, sobretudo no campo económico, aproveitam a ocasião para de uma maneira acintosa negarem ao S.C.E. uma participação significativa, ameaçando veladamente que enquanto estiverem na direcção fular

no e sicrano, o clube não verá nenhum.

A tudo isto não será estranha a aprovação pelos órgãos autárquicos da instalação do complexo desportivo num local que vai contra os interesses de alguns, que terão visto aí responsabilidade do Sporting de Espinho.

O revanchismo não tardou a assumir a forma de pressão económica, para depois, com o futebol ainda numa situação tranquila, se promoverem certas individualidades como gente capaz de assumir os destinos do clube. Entretanto, a despromoção da

equipa do futebol tornou-se uma ameaça e o interesse pelo domínio imediato do clube terá esfriado. No entanto, o mau estar e as pressões continuam, dando a ideia de que os promotores da campanha ou querem simplesmente pôr o clube de rastos ou então esperam por melhor oportunidade para darem o «salto», com o aparecimento do salvador ou do mecenas que traga consigo a solução económica para a situação que ajudou a criar.

Mas lembremo-nos. São os sócios e os atletas os senhores dos destinos de clube.

Comemorações de Abril

Após a polémica levantada na Assembleia Municipal em virtude da apresentação dum programa comemorativo do 25 de Abril apresentado por diversas colectividades e organizações populares, formou-se uma comissão composta pelos Presidentes da Câmara, das Juntas de Freguesia e por representantes da Câmara e da Assembleia Municipal. Esta comissão elaborou, finalmente, um programa onde se notam algumas alterações ao projecto inicial.

às 9 horas

CORTEJO AUTOMÓVEL, que percorrerá todo o concelho;

às 10 horas

ATLETISMO, para rapazes e raparigas, com um mínimo de 10 anos, para veteranos e para juniores. Estarão em disputa 25 taças e 60 medalhas, além de prémios extra, sendo as inscrições gratuitas até ao dia 24 de Abril na sede do C. A. E. (Av. 8) ou pelo telefone 921971.

MANHÃ INFANTIL, no parque de campismo com uma sessão de pintura, exibição de ginástica e fantoches.

continua na página 3

Novo Bairro na Marinha de Silvalde

«Estas casas devem ser de rendas caras, nós já estamos habituados». Pintor, 28 anos
«Isto é para quem tem dinheiro. São prédios de luxo. Os pobres não têm ilusões quanto a isso.» Pedreiro, 52 anos
«Isto não deve ser para os pobres, embora se diga que sim.» Redeira, 20 anos

Surgem já os alicerces do que será dentro em breve um complexo habitacional, de perto de 150 habitações de vários tipos. Uma construídas pelo Fundo de Fomento da Habitação, as que agora se iniciaram, de renda económica; outras a construir pela Câmara através de um empréstimo, que serão de renda resolúvel; e ainda mais algumas a construir pela Solverde, integradas nos seus compromissos contratuais.

Teremos assim dentro em breve uma realidade sem dúvida positiva no campo da habitação que irá resolver o problema a outras tantas famílias carecidas, que são, infelizmente em grande número no nosso concelho. Acontece porém que estas novas habitações vão nascer enquadradas por duas das zonas mais degradadas da região. Degradadas no aspecto habitacional e humano, pois estes dois factores não são indissociáveis. Por um lado o Bairro Piscatório, onde a somar às más condições existentes, sobreveio o do desregrado construir de barracos e barracões que só veio piorar o que existia. Do outro lado o bairro da Marinha, que foi objecto de uma acção do SAAL, sobre cujos métodos e fins nos abtemos agora falar, que terminou na inconsequência e na

desmobilização dos residentes. Teremos portanto, em breve, cerca de 150 famílias alojadas em habitações novas e condignas, mas cercadas por um ambiente de degradação que a breve tempo não as deixará de afectar. Não se deve pensar em formar aí um «ghetto» isolado do meio em que se insere. Dever-se-á pensar sim em melhorar as condições de vida de todos, dos que para lá vão de novo e dos que habitam na vizinhança. Há portanto que estudar as possibilidades de se realizarem acções tendentes a modificar as condições de habitação das zonas envolventes. Nisto deverão desde já pensar os poderes públicos, aproveitando se possível o que se puder do projecto SAAL, ou outra forma que se encontre mais conveniente. Mas as populações residentes não poderão ficar inactivas, a sua participação é fundamental, e devê-lo-á ser de forma organizada. Aí estará reservado um papel importante à Comissão de Moradores, que se neste momento será pouco mais que uma estrutura burocrática, deverá passar a ter um papel de dinamização e impulsionamento. A unidade faz a força, e na unidade das populações e organismos públicos encontraremos finalmente a possibilidade de modificar as condições de vida dessa gente e criar melhores condições para os novos habitantes, para que não estejamos a pôr uma maçã boa num cesto de maçãs podres, pois assim ela apodrece mais depressa.

PARAMOS

Os tropeções

Como havíamos noticiado, a Repartição Técnica da Câmara, por acordo com o Fundo de Fomento de Habitação, elaborou um projecto de implantação das habitações sociais a construir pelo F. F. H., e que eram enquadradas no terreno da Quinta com as casas da Solverde. Esse projecto implicava uma localização diferente das casas da Solverde, pelo que estaria dependente desta sociedade anónima acordar com a mudança de localização.

Havíamos alertado para o facto de esta permuta de terreno poder vir a atrasar as construções da Solverde devido à burocracia que tal implicaria, com passagem da parcela da Solverde para o nome da freguesia e o inverso com parte do terreno da freguesia.

Afinal, a Solverde não concordou com a permuta e a consequência imediata é a de que a R. P. da Câmara vai ter de fazer um novo projecto de implantação, o que poderá significar um atraso nas construções das habitações do F. F. H., cujo início estava previsto já para este ano.

Resultado: não passou a «solução urbanística ideal» que a Repartição Técnica desejava e a quase centena de casas do F. F. H. vão demorar mais um bocado

ISAURA

CABELEIREIRA

Rua 16 n.º 752
ESPINHO

MAIS DIFICULDADES PARA OS ESTUDANTES TRABALHADORES

C. P. SUPRIME TRANSPORTES

De acordo com determinação da C. P., foi suprimida, no passado dia 8, a carreira 63 que saía às 23,30 h. de Espinho para Oliveira de Azeméis.

A mesma ordem, que alega motivos de alteração de horários nas linhas do Norte e Beira Alta, altera ainda o horário da carreira 61 que partia de Espinho às 21,20 h. e cuja saída passou agora a efectuar-se às 22,40h.

Tendo ficado garantida a ligação com o comboio directo Lisboa-Porto que chega a Espinho às 22,39 h., parece, no entanto, não se ter medido as consequências desastrosas que tais

sões, prescindindo do próprio público que lhe dá razão de existência. Público que é mal servido e, ainda por cima, sobrecarregado com o recente aumento do preço dos transportes.

Será que para a C. P. servir significa apenas destinar à minoria que as pode pagar as recém-criadas composições de luxo entre Lisboa e Porto? E os trabalhadores? E aqueles que, além de trabalharem, ainda querem valorizar-se estudando?

Sabemos, entretanto, que os estudantes, apoiados pela Direcção das respectivas escolas,

E AGORA?

«Quando saio das aulas, já não tenho transportes para Oleiros. Tenho de ficar em casa de uma colega e venho na automotora das 7,20 da manhã para ir para o trabalho. Algumas colegas, tendo passe, têm de gastar outro dinheiro para pagarem a meias a gasolina a quem as trouxer de carro. Outros ainda saem às dez e meia, tendo que faltar a uma aula e meia, quando os professores autorizam, e vêm a correr para chegar a tempo da camioneta das 22,40 h.»

Clementina Ferreira de Sousa
Estudante-trabalhadora — 18 anos

«Havia pelo menos uns 30 estudantes da Escola Industrial que utilizavam a camioneta. Vinha sempre cheia. Por agora os professores vão autorizando que se saia

mais cedo, até porque estamos a chegar ao fim do ano lectivo. Mas, para o ano, necessitamos da camioneta. Não vamos passá-lo todo nesta incerteza. Resolviam o problema, se ao menos a camioneta fosse até à Vila de Feira.

Manuela Ferreira — Estudante-trabalhadora - 23 anos

«Só tenho aulas até às 20,15 h. e utilizava até aqui a camioneta das 21,20 h. Com os novos horários só chego a casa às 23 horas. Como eu muitos outros, porque a camioneta ia cheia. Ignorando o que levou a tal modificação, parece-me, no entanto, tratar-se de uma grave injustiça e de uma solução anti-económica.»

Artur Alves de Sá — Estudante-trabalhador - 19 anos

alterações estão a provocar.

Com efeito, a camioneta das 23,30 h. partia diariamente repleta. A excepção de uma ou outra pessoa que regressava do cinema ou dos cafés, a maior parte dos passageiros era constituída por estudantes-trabalhadores dos vários estabelecimentos de ensino da cidade que habitualmente saem das aulas às 22,45 h.

Por outro lado, quem utilizava a carreira das 21,30 h., e eram essencialmente trabalhadores que vinham do Porto, além de alguns estudantes dos cursos nocturnos que só têm aulas até às 20,15 h., passará agora a chegar a casa só depois das 23 h., o que representa um sacrifício suplementar a juntar ao cansaço do trabalho quotidiano.

O facto de não ter havido qualquer aviso prévio e o novo horário ser posto em prática no próprio dia em que foi dinamada a ordem superior que introduziu as alterações revela bem a imensa capacidade que a C. P. tem para improvisar deci-

estão a reagir e preparam já exposições a enviar às instâncias superiores da C. P., para reaverem os seus transportes tão dificilmente conquistados.

Que apoio merecerá esta luta das autarquias das localidades mais lesadas? Têm a palavra S. Paio de Oleiros, Paços de Brandão, Riomeão, e outras freguesias porventura até à Vila da Feira.

José Vicente da Silva Monteiro

A GRADECIMENTO

Sua esposa, filhos, nora e restante família vem por este ÚNICO MEIO agradecer a todas as pessoas que participaram no funeral e missa de 7.º Dia, bem com às que de qualquer modo lhe manifestaram o seu pesar.

MARÉ VIVA

SEMANÁRIO

Propriedade: NASCENTE — COOPERATIVA DE ACÇÃO CULTURAL, S. C. R. L.

Fizeram este número: Albertino Pinheiro, Alvaro Mendes, Antero Monteiro, António Leira, António Santos, Augusto Mota, Dário Capela, Domingos Ferreira, Eduardo Oliveira, Eugénio Morais, Fernando Valadas, João Barrosa, Joaquim Fidalgo, Jorge Lopo, Jorge Monteiro, Jorge Santos, Manuel Augusto, Morais Gaio, Moreira da Costa e Victor Sousa.

Colaboração especial: Alberto BaRbosa e Carlos Morais.

Composição e impressão: TIPOGRAFIA MENESES — COOPERATIVA GRAFICA DE ESPINHO, S.C.R.L. RUA 14 N.º 903 — TELEF. 921016

Assembleia Municipal de Espinho

EDITAL

Constituição do Conselho Municipal

AVELINO FERREIRA LOUREIRO ZENHA, Presidente da Assembleia Municipal de Espinho,

FAÇO SABER QUE:

— Esta Assembleia Municipal, em sua reunião ordinária de 14 de Abril de 1978, deliberou, que o CONSELHO MUNICIPAL DE ESPINHO deverá, segundo os termos do Art.º 69.º da Lei 79/77, ser constituído por 15 (quinze) elementos em representação de:

I — ORGANIZAÇÕES ECONÓMICAS

2 Conselheiros, cabendo a:
Associações Patronais... 1 (um)
Cooperativas... 1 (um)

II — ORGANIZAÇÕES DE CARÁCTER SOCIAL

5 Conselheiros, cabendo a:
Associações e Comissões de Moradores 1 (um)
Bombeiros... 1 (um)
Associações de Estudantes e Estudantes
Trabalhadores... 1 (um)
Associações de Assistência
e Misericórdia... 2 (dois)

III — ORGANIZAÇÕES DE CARÁCTER CULTURAL

3 conselheiros, cabendo a:
Associações Culturais e Recreativas
de âmbito concelhio... 1 (um)
Associações Culturais e Recreativas
de âmbito de Freguesia... 1 (um)
Associações Desportivas
de âmbito concelhio... 1 (um)

IV — ORGANIZAÇÕES DE CARÁCTER PROFISSIONAL

3 Conselheiros, cabendo a:
União dos Sindicatos de Aveiro... 2 (dois)
Sindicato de Escritórios e Empregados de
Comércio do Distrito de Aveiro... 1 (um)

V — TRABALHADORES CAMARÁRIOS E DOS SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS

2 Conselheiros (n.º 4 do Art.º 69.º da Lei 79/77)
Da Câmara Municipal de Espinho... 1 (um)
Dos Serviços Municipalizados... 1 (um)

Torno ainda público, que as Entidades com direito a participar no Conselho Municipal de Espinho, deverão eleger e comunicar-me os seus representantes, segundo os termos da deliberação atrás referida, até ao próximo dia 14 de Maio de 1978 — eleições essas a fazer por cada grupo diferenciado e de entre os seus elementos. Além da indicação do(s) representante(s) de cada grupo deverá enviar-me a acta do processo eleitoral do mesmo representante(s).

NOTA IMPORTANTE — No desejo de facilitar a eleição dos representantes para o Conselho Municipal, a Mesa da Assembleia Municipal, promoverá, no Edifício dos Paços do Concelho, nos dias e horas abaixo, reuniões com diversos grupos que compõem cada um dos tipos de organizações.

TIPO I — ORGANIZAÇÕES ECONÓMICAS

Dia 28 — às 21,30 horas

TIPO II — ORGANIZAÇÕES DE CARÁCTER SOCIAL

Dia 28 — às 22,30 horas

TIPO III — ORGANIZAÇÕES DE CARÁCTER CULTURAL

Dia 29 — às 11 horas da manhã

E para constar se mandou publicar e afixar este edital e outros de igual teor.

Espinho e Paços do Concelho, 17 de Abril de 1978

O Presidente da Assembleia Municipal
Avelino Ferreira Loureiro Zenha



1.º DE MAIO

— MAIS LUTA DO QUE FESTA

Ovar vai ser um dos locais de concentração dos trabalhadores do distrito de Aveiro para as jornadas do 1.º de Maio. Não tendo ainda conhecimento do programa que está a ser elaborado, estamos certos de que os trabalhadores da região não deixarão de ali, como por todo o país, dar uma firme resposta de classe, fazendo daquele seu dia uma grande jornada de festa e de luta.

O ministro Almeida Santos chegou aos Açores em missão partidária. Uma calorosa recepção o aguardava. Perante a passividade das autoridades policiais um grupelho de activistas mais ou menos identificados com a FLA vaiou-o, rodeou-o ameaçadoramente e acabou por chegar às vias de facto. Foi difícil subtrair o destacado militante socialista à sanha dos independentistas (?) açorianos, a quem sobra violência e escasseiam argumentos para a defesa das suas duvidosas pretensões. Almeida Santos saiu deste incidente com algumas equimoses e a sua visita ao arquipélago acabou por perder todo o cariz partidário e transmutar-se em visita de um membro do Governo Central. Entre os agressores muitos haverá vítimas de um acesso momentâneo de revolução nervosa, mas a coisa foi previamente preparada ao ponto de até haver gases tóxicos à mistura. Os nossos «brandos costumes» ficaram-se por esta agressão física.

Entretanto em Itália uma formação clandestina de extrema esquerda, que o mantém raptado há largas semanas, condenou à morte Aldo Moro, figura grada da Democracia Cristã transalpina. Aqui a violência foi (e é) muito mais intensa, sendo o bando perfeitamente organizado, armado e municiado. Mau grado toda a perseguição que lhe tem sido feita, e na qual até os marginais (que se consideram prejudicados nos seus negócios habituais) participaram, as autoridades não conseguiram topar os terroristas. A não brandura dos costumes italianos permite adivinhar que Moro vai ser mesmo executado. Como no caso açoriano, ficam latentes sérias dúvidas das razões básicas deste também detestável acto de violência.

17/4/78 — Carlos P. Morais

Dia do trabalhador, dia em que, antes do 25 de Abril, a polícia enchia as ruas para impedir as manifestações, nem por isso, depois de 1974, o 1.º de Maio deixou de ser uma jornada de luta, que as circunstâncias do momento faziam orientar em sentidos muito concretos.

O primeiro 1.º de Maio em liberdade foi o que todos sabemos: uma verdadeira jornada de unidade, um grande grito de alegria de um povo que via perante si as portas abertas para a emancipação; Em 1975, já foi diferente: a semente da divisão já havia sido lançada no seio dos trabalhadores pelos seus inimigos já meio recompostos do abalo sofrido. No ano seguinte, o 1.º de Maio é mais de luta do que de festa. Os trabalhadores mais unidos e determinados assumem-se na grande força que representam e travam significativamente a desclida para a direita que havia começado no 25 de Novembro: 1977 reedita 1974 e acaba por mostrar o isolamento das for-

ças divisionistas, que se refugiavam, envergonhadas, no Bus-saco.

E o que vai ser o 1.º de Maio de 1978? Mais do que tudo um dia de luta. Os trabalhadores estão submetidos a um governo que não é o seu, um governo que faz desabar sobre eles um brutal agravamento do custo de vida, pretende fazer-lhes pagar, a eles e só a eles, uma crise de que não são responsáveis. Um governo que quer construir o seu modelo de sociedade capitalista à custa dos trabalhadores, um tipo de sociedade que eles não querem.

A luta dos trabalhadores neste 1.º de Maio já não é sequer uma ocasião para se defender a construção do socialismo. Vir à rua neste dia será antes de mais uma forma de os trabalhadores mostrarem ao governo que não estão com ele, que não o querem e que não permitirão que ele destrua o que resta das importantes conquistas que fizeram depois do 25 de Abril.

CINEMA

Dia 25, Terça-feira
NEW YORK, NEW YORK
M/ 13 anos

Depois ter abordado situações de profundo confronto social nos seus anteriores filmes, Martin Scorsese toma o tema musical para nos descrever uma certa época e determinados comportamentos próprios do momento. Servido por dois excelentes actores, Robert de Niro e Liza Minnelli, conseguiu um filme que, embora não se possa considerar uma obra-prima, é de excelente qualidade.

Dia 27, Quinta-feira
SILENCIO
M/ 13 anos
Não, caro leitor, não se trata

do conhecido filme do não menos conhecido realizador Ingmar Bergman, que se pode ver neste dia. Embora de título homónimo, este é de procedência Nipónica do qual desconhecemos referências de assinalar. Cheiramos a «made in Japan» para ocidental ver.

Dia 28, Sexta-feira
O MECÂNICO
M/ 18 anos

Mais uma vez Charles Bronson a passar a sua «canastrix», ainda por cima em versão requentada. Se já se viu que não presta, para quê nova dose? Poupem-nos!

Dia 29, Sábado
REGRESSO DE SHANGAI JOE
M/ 18 anos
Um «eastern» feito em estilo «western» com métodos de «eastern» para exibir como se fosse um «western». Perceberam?!

ESTA CIDADE

«Olhe, eu fui para aquele barraco porque o meu filho me pôs fora de casa e uma senhora encaminhou-me para ali. Vivi lá cerca de um mês e agora a casa caiu. Tive que vir agora para aqui, para a Cantina do Centro de Assistência Social».

Um caso entre tantos outros: uma velha que fica sem casa e que tem de recorrer à caridade alheia para conseguir um abrigo. E isto porque a nossa sociedade é implacável em relação a casos destes: de fac-

to não existe neste país absolutamente nada, nenhuma estrutura, nenhum serviço que tenha por específica razão de ser uma efectiva assistência à terceira idade, em tudo o que ela implica. Para já só se pode contar com associações do tipo do Centro de Assistência, que vão tapando como podem alguns dos muitos furos que lhes aparecem.

E continuaremos assim a contar mais histórias destas até que as coisas mudem mesmo.



A PRETO E BRANCO

BLANCO SAI E SOBE

Soares Louro disse que não ia entrar para a R. T. P. para ficar tudo na mesma. Não será caso para se deitar foguetes e se pensar que o País vai parar com o Telejornal, que a Isaura e o Maciel vão ser objecto de processos disciplinares ou que o eng. Sousa Veloso vai ter de suspender o seu programa por já ter entrevistado todos os agricultores de gravata. Enfim, não se pode fazer tudo ao mesmo tempo...

Mas já há alguma coisa, pelo menos nos apresentadores do Telejornal. Voltou António Santos que tinha sido suspenso depois do 25 de Novembro, veio de novo Adriano Cerqueira que, pelo menos, faz perceber o que diz, a Manuela de Melo e o José de Melo vão aparecer mais vezes e (notícia das notícias), a «voz do dono» quando o dono era o Pires Veloso, o homem que quando nos aparecia no «écran» era como o «Comércio do Porto» a entrar-nos pela casa dentro, o Carlos Blanco, em suma, deixou de apresentar telejornais.

Mas descansem, que o pobre do homem não foi para porteiro dos estúdios do Monte da Virgem. Foi promovido, passou a ser qualquer coisa na produção. Nem sabemos bem o que está lá a fazer, mas o que interessa é que a gente não o vai poder ver tantas vezes.

Só por isso, a televisão já ficou melhor, e compençou a reinvenção de Rui Romano como locutor desportivo.

As Comemorações

continuação da página 1

às 12 horas
HASTEAR DA DANDEIRA NACIONAL e outras solenidades com a presença das duas corporações de Bombeiros da cidade.

às 15 horas
DESFILE DE BANDAS E GIGANTONES

às 16 horas
ESPECTÁCULO DE VARIEDADES, no parque João de Deus.

No que diz respeito às freguesias, as juntas encarregam-se de organizar provas desportivas e espectáculos culturais.

Na freguesia de Anta tiveram lugar durante a semana dois torneios de futebol (juvenis e seniores) entre equipas da freguesia e provas de atletismo.

No próprio dia terão lugar as finais desses torneios e às 21 horas um espectáculo no Salão Paroquial pela Tuna Musical, além da distribuição de prémios referentes às provas desportivas.

Em Guetim tiveram também

lugar provas desportivas, futebol e atletismo, e no dia haverá um espectáculo na sede da junta com a peça «A Fonte», pelo C. C. Grijó e a actuação do conjunto «Pérolas do Norte». Não temos ainda informações sobre outras freguesias.

S. Paio de Oleiros

Por ocasião do 25 de Abril, a Biblioteca Pública de S. Paio de Oleiros vai promover a realização de várias actividades culturais e desportivas, cujo programa, ainda passível de ligeiras alterações, será o seguinte:

Dia 21 - 4 às 21 horas
Teatro — A peça «Um Dia Memorável para o Erudito Sr. Wu», pelo Teatro Popular de Espinho.

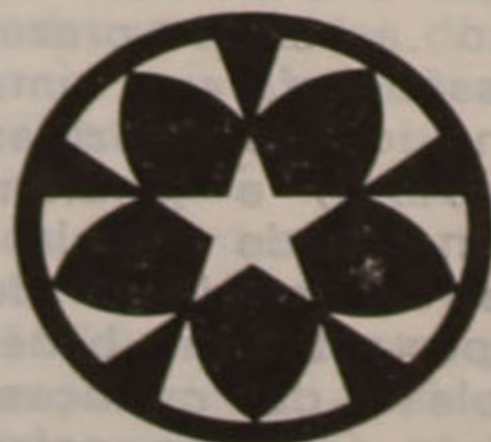
Dia 23 - 4 às 15 horas
Teatro Infantil

Dia 25 - 4 às 9 horas
Movimentação Desportiva — Atletismo para ambos os sexos, a partir dos 6 anos;

Dias 29 - 4, 30 - 4 e 1 - 5
Feira do Livro

FARMÁCIAS

Segunda — Farmácia Higiene — Rua 19 n.º 393 - Tel. 920320
Terça — Grande Farmácia — Rua 62 n.º 457 - Tel. 920092
Quarta — Farmácia Teixeira — Rua 19 n.º 46 - Tel. 920352
Quinta — Farmácia Santos — Rua 19 n.º 263 - Tel. 920331
Sexta — Farmácia Paiva — Rua 19 n.º 319 - Tel. 920250
Sábado — Farmácia Higiene — Rua 19 n.º 393 - Tel. 920320
Domingo — Grande Farmácia — Rua 62 n.º 457 - Tel. 920092



Associação Portugal-URSS

HOJE

Segunda-feira, 24 — pelas 21,45 horas

Projecção de Filmes

Na SEDE DO NÚCLEO — Rua 62 n.º 251

AS PORTAS QUE

PODER LOCAL

E PARTICIPAÇÃO POPULAR

Durante o fascismo, as autarquias, as Câmaras e Juntas de Freguesia, estavam principalmente nas mãos de servidores fiéis do regime, que colaboravam para o controle rígido da vida das populações.

O 25 de Abril também foi razão para alterar este estado de coisas. Em Espinho, logo após a Revolução de Abril, a população movimentou-se para conseguir a substituição dos homens de mão que no concelho vinham zelando pelos interesses do salazar-marcelismo e pelo seu próprio, claro.

Foram as reuniões abertas para discussão da situação, foi o desmascaramento dos responsáveis da Câmara que queriam

«colar-se» ao MFA, foi, em fins de Junho, a nomeação da Comissão Administrativa.

Depois vieram as eleições para as autarquias. Hoje, algumas dezenas de cidadãos desempenham os cargos para que foram eleitos, a participação das comissões de moradores nas assembleias de freguesia e das organizações populares no Conselho Municipal está claramente indicada na lei, bem como a possibilidade de qualquer cidadão intervir sobre as decisões da administração. As autarquias locais cabe um importante papel que não se pode deixar perder: devem ser ponto de encontro para a resolução dos problemas das populações, base de

construção do Estado Democrático, local de defesa das conquistas da revolução e escola de preparação cívica dos cidadãos.

Entretanto, estas realidades que chegaram a parecer seguras, estão a ser cada vez mais afastadas da prática de muitos órgãos de poder local, com o regresso à política dos gabinetes e dos dirigentes que tudo sabem, em nome de populações que se esquecem de ouvir. Esperemos que a criação do Conselho Municipal venha a contribuir para que no Concelho de Espinho se reforcem as posições de quantos entendam que o Poder Local não pode existir à margem do interesse e da participação colectivos.

COMISSÕES DE MORADORES EM DEFESA DAS POPULAÇÕES

O desejo das populações se empenharem activamente na resolução dos seus problemas foi um dos aspectos mais salientes do forte movimento popular se formou em Portugal. As Comissões de Moradores foram sem dúvida, e são ainda em muitos casos, óptimos exemplos desse movimento.

Também em Espinho se formaram várias Comissões, que no meio do complicado processo da sua existência e actividade, muitas vezes não estimuladas, acabaram por desaparecer ou se têm aguentado quase sempre em condições muito difíceis. De todas as que surgiram ou apenas tentaram lançar a confusão, e estamos a recordar-nos das «comissões» da rua 19 e da rua 24, por exemplo, só duas existem ainda, e não é certamente por acaso que se encontram ligadas a zonas onde a degradação da vida, em vários aspectos, é evidente.

COMISSÃO DE S. PEDRO

VÁRIAS FRENTES

«A Comissão de Moradores de S. Pedro nasceu ligada ao SAAL, para tentar contribuir para a resolução dos problemas de habitação nesta zona. Nesse sentido fizemos vários inquéritos e

colaboração com a Câmara. Temos também defendido os interesses de alguns inquilinos pobres, quando os senhorios se recusam a fazer obras nas casas.

A Comissão atravessou um período de grande desmobilização, mas agora está outra vez bastante activa, como ainda se viu ultimamente com o temporal que provocou todos aqueles estragos. Estamos a tentar arranjar meios para construir um polivalente desportivo na escola, para o que já temos algum dinheiro dado pelo Governo Civil».

(um elemento da Comissão)

COMISSÃO DA MARINHA

O Direito de Habitar

1974 — Vai trabalhar para a zona um gabinete do SAAL, enceta-se uma luta contra a poluição causada pelos vagões de cimento, é formada a comissão de moradores para tratar essencialmente dos problemas habitacionais.

1975 — Legalização da Comissão. São instalados os pré-fabricados. Além dos problemas habitacionais, outros são também objecto da atenção da comissão, como o problema da saúde, como o internamento de alguns doentes e tratamento de outros.

1976 — Colocação de contentores de lixo, peditório para os grevistas da «Vigorosa» e da «Pereira Alves». Arranque do projecto da Quinta Constante Pereira. Pavimentação das ruas.

1977 — Tentativa de pressionar a Câmara para abertura da Rua 2 até à Marinha. A comissão dá parecer à Câmara para a transformação da lota em mercado, onde teriam prioridade os pequenos e médios comerciantes.

1978 — Plantação de árvores.

Tentativa de resolução dos problemas de poluição (já houve intoxicações) gerados pelas fábricas existentes.

COMISSÕES DE PAIS VIVER A ESCOLA OU MORRER

«Se não fosse por mais nada, creio que basta sabermos como a acção das Comissões de Pais foi decisiva para a criação da CERCI, para sentirmos que a actividade das Comissões valeu bem a pena».

Esta, uma das muitas certezas e satisfações que nos referiram três elementos da C. de Pais da Escola da Feira, com quem conversámos sobre a actividade das Comissões que existiram em Espinho e que, por uma razão ou outra, mas sobretudo pelo crescente desinteresse de pais e professores, estão pratica-

mente desfeitas e em riscos de total extinção a curto prazo. Essas Comissões foram uma das boas novidades trazidas pelo 25 de Abril, e geraram à sua volta um grande entusiasmo, vindo a ser credoras de actuações importantes em benefício das escolas e das crianças.

«Ao princípio foi uma coisa maravilhosa. Nós vivíamos a escola e os seus problemas numa maneira extraordinária. Não era raro que deixássemos de comer para vir às reuniões e cumprir as tarefas necessárias».

continua na página 6



POVO ORGANIZADO RESOLVE

Quinta, Congosta, Souto e Escola. Cinco lugares da freguesia de Anta que de um momento para o outro se viram sem água. A sua fonte do precioso líquido era o Rio da Pedra. Lavar a roupa, lavar o corpo, ir à água para fazer a comida, tudo isto era feito no Rio da Pedra. O Rio da Pedra era um factor indispensável na vida de muitas pessoas; tantas quantas vivem naqueles lugares.

Foi necessário melhorar a captação de águas para melhor abastecimento à cidade; o lugar ideal era o Rio Benfite e para tal houve que cortar o acesso das águas a montante do Rio da Pedra. Da noite para o

dia a água secou para aquelas pessoas

Não havia lavadouro, não havia água encanada. As pessoas compreendiam que havia que melhorar a captação de águas para a cidade, mas não havia lavadouro, nem água encanada.

O Povo organizou-se formou uma comissão e tratou, junto do Presidente da Junta da sua freguesia, de apresentar as suas justas reivindicações.

Hoje há lavadouro e água encanada. O Povo organizado de cinco lugares da freguesia de Anta conseguiu resolver os problemas imediatos. O 25 de Abril chegou a Anta.

Da G. N. R. à porta ao Prémio de Atletismo

Lourosa tem uma Cooperativa — a Lourocoope. Inicialmente virada para o consumo, é hoje também uma cooperativa voltada para a valorização dos seus sócios em vários domínios (cultural, desportivo, etc.).

Porquê uma cooperativa de consumo? Porque é a única forma de defender os trabalhadores (leia-se, dos trabalhadores se defenderem) dos intermediários parasitas, que sugam tanto o produtor como o consumidor.

A organização da Lourocoop começou já em 1973, com a criação duma escola do Ciclo Preparatório e com a formação de uma lista da Oposição Democrática para as «eleições» para a Junta. Como era tal possível antes do 25 de Abril, perguntará o leitor? Com efeito, as reuniões para a formação da cooperativa faziam-se com a G. N. R. à porta (a última das quais no domingo antes do 25 de Abril).

E o 25 de Abril surgiu sem que houvesse instalações para a cooperativa: assim a Lourocoop decidiu construir a sua própria sede. Com o apoio que pediu aos seus associados e ao Governo, a Lourocoop lançou-se na construção do edifício que a albergaria. O auxílio do Governo nem sempre foi o mais eficaz e a Banca do Povo não contribuiu com um centavo...

Em Novembro de 1976 eram já 850 sócios, o que era bem demonstrativo da adesão da população, uma vez que a Cooperativa nasceu praticamente em Agosto de 1976 e naquela altura ainda não tinha sede. Hoje, a Lourocoop tem muitos mais sócios, é já uma realidade incontestável na vida de Lourosa, quer para a defesa dos interesses dos consumidores seus associados, quer para a divulgação da cultura e da prática do desporto, de que o recente I Grande Prémio de Atletismo foi um bom exemplo.

O 25 de Abril fez-se sentir em Lourosa. O seu povo organizou-se e encontrou a forma de lutar pela sua valorização e pela realização de algumas das suas aspirações mais imediatas. A Lourocoop testemunha este facto.

FONSECA

TECIDOS — MODAS

Rua 19 n.º 275

Telef. 920413

ESPINHO



elaborámos alguns projectos, ajudando no levantamento das carências habitacionais.

Todo este trabalho foi ao ar com a dissolução do SAAL, mas a Comissão continuou e tem-se virado também para outros assuntos: a construção de uma escola primária, a dinamização desportiva e cultural, a pavimentação de ruas, tudo isto em

ABRIL ABRIL

AS VITÓRIAS E AS DERROTAS DO TRABALHO

As lutas que os trabalhadores desencadearam nas empresas após o 25 de Abril, foram muitas, por todo esse país, e mesmo na nossa região, e embora activadas por objectivos concretos diversos, perseguiram todas o mesmo fim: a defesa dos seus interesses de classe.

A defesa dos postos de trabalho em tantas empresas abandonadas pelos patrões, a luta pelo cumprimento da legislação de trabalho, a solidariedade com companheiros vítimas da repressão patronal, foram alguns dos aspectos dominantes no nascimento dessas movimentações colectivas. Houve vitórias e derrotas, grandes e pequenas, e na impossibilidade de se referirem todas, recordamos as que, na nossa região, terão reunido maior significado.

A Vigorosa permanece como um dos bons exemplos como os trabalhadores forjaram a vitória na sua unidade. Abandonados pelo patrão, que se recusava a pagar os salários contractuais, e apesar das interferências veladas de altas influências militares, os trabalhadores conseguiram obter do governo credenciais para laborarem, que lhes permitiram recuperar a empresa do estado caótico em que o ex-patrão a deixara. A empresa encontra-se agora restabelecida graças à gestão dos trabalhadores.

A fábrica de tapetes Pereira

Alves conheceu também um período agitado, mas acabou por ser constituída uma cooperativa com os patrões e os seus oito trabalhadores, prova de que o diálogo é possível nas empresas de pequena dimensão em que os interesses dos trabalhadores e do patronato não são sempre necessariamente opostos.



O despedimento de 60 trabalhadores na Cotesi terá constituído a maior derrota infligida a trabalhadores da região e a isso não foi estranha a actualização do então Ministro do Trabalho Marcelo Curto nem as divergências entre os trabalhadores de alguns sectores da empresa.

Finalmente, a fábrica de Pa-péis Vouga, um dos melhores

exemplos da determinação dos trabalhadores, que com a sua gestão aguentaram a empresa sabotada pelo ex-patrão, até à intervenção do Estado, com uma Comissão Administrativa que a vem restituindo ao equilíbrio económico e financeiro. A integração da empresa no sector público é a única saída coe-

rente para a definição de empresa e, a verificar-se, estará consumada a vitória de uma luta que se arrasta há cerca de três anos.

Mas, vitórias ou derrotas como poderão elas ser encaradas como definitivas, neste país e agora? Se são definitivas, só os trabalhadores e a continuação da sua luta o poderão dizer.

CULTURA

Novas ideias e novos hábitos

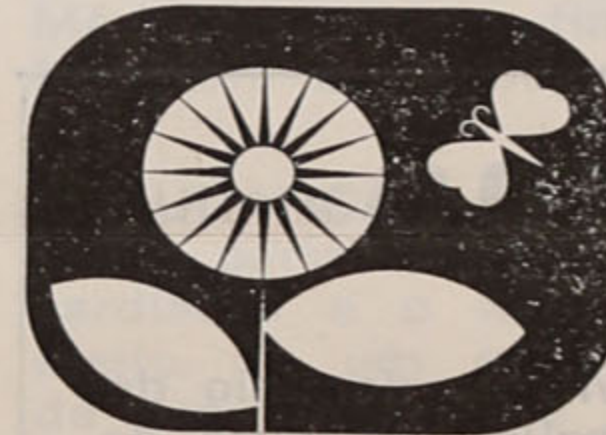
Com a mudança de situações, com as esperanças na rua, com a liberdade da palavra e de acção, com a hipótese de nova vida que o movimento dos capitães em 25 de Abril deixa no ar, a cultura liberta-se das correntes, das grades e tenta comunicar, fazer-se ouvir. Também em Espinho, principalmente através da então Secção Cultural da A. A. E., surge algo de novo, chamando a atenção das pessoas, quebrando a rotina. Vem-se com teatro para as ruas em 28 de Abril de 1974, junta-se uma multidão na Avenida 8, em frente ao Casino, criticando e julgando uma praga da altura «Simplesmente Maria», organizam-se tardes infantis no parque, comemora-se o Dia Mundial da Criança, surgem ideias, acontecimentos, ambientes novos.

É agora a altura de se fazer o que se pensava, o que se desejava entre quatro paredes, às escondidas, limitadas pelas inúmeras dificuldades. As pessoas aderem livremente, não em massa, mas cada vez em maior número, interessadas em conhecer, em contactar com ideias que espontavam, que nasciam livremente. Um grupo de Teatro

nasce, percorre freguesias, movimentada, é o nascimento do actual Teatro Popular de Espinho. Celebra-se o Dia Mundial da Juventude, o Dia Mundial do Teatro, incentivam-se as actividades com crianças, dá-se os primeiros passos na criação do Coro Popular de Espinho. Tudo isto paralelamente à continuação dos mesmos vícios, da mesma passividade, da mesma indiferença. Mas, mesmo assim, transformando a imagem desta cidade, criando novos hábitos.

Mas é claro que os ventos mudam, vozes saudosistas tornam a levantar-se. O espírito inicial não morreu mas as dificuldades aumentam. A Secção Cultural da A. A. E., acabou por ser extinta! A Casa da Cultura apesar das deficiências internas, apoiava as organizações culturais do concelho, mas também acaba por ser suprimida.

Entretanto tinha surgido a Cooperativa Nascente, com novas iniciativas, novos projectos. Alarga-se, abre as suas portas, dá-se a conhecer, realiza, produz. Continua com as esperanças avivadas em 25 de Abril, mantém vivo o seu espírito.



GAZETINHA

Sólido do Maré Viva

*O complexo «Maré Viva»
É uma equipa progressiva,
Que acredita na Verdade
D'Amizade;*

*Vamos o campo alargar,
Da Costa Verde falar:
Parec-? haver certa «fome»
Do seu nome.*

*É uma «banda» que se ufana
Levando, em cada semana,
A todos, toda a alegria
Da harmonia!*

*Anta, Silvalde, Paramos
E Guetim: — Nós proclamamos
Que a Costa Verde é Rainha...
Da sardinha!*

*Em vinte e cinco d'Abril
Rasgou-se, no céu d'anil
A aurora duma premissa
De Justiça*

*Costa Verde! Sol na areial
Nem pedregal a desfeia:
Graça e Luz — a formosura
Lhe assegura!*

*Se foi assim ou se não,
Armou-se a contestação...
Mas o tempo há-de dizer
— Tem de ser!*

*— «Havemos de ir a Viana»...
— Costa Verde não se engana,
Que o seu verde mais verdinho...
Mora em Espinho!*

Alberto Barbosa (BEKA)

vem documentos enviados ao Ministério das Corporações, protestando contra a proibição de reuniões sindicais. Junho de 1971 são já 41 os sindicatos que participam nas reuniões da Intersindical. A acção que a partir daí se desenvolveu levou ao aumento da repressão, visando destruir a Intersindical, como mola das grandes movimentações de trabalhadores. As condições do trabalho sindical tornam-se mais difíceis. A admissão dos novos membros torna-se mais cautelosa, sendo cada caso analisado pelas assembleias. Estas são marcadas com uma antecedência mínima e os locais só são dados a conhecer um ou dois dias antes. Está-se numa fase de semi-clandestinidade que se prolongou até ao 25 de Abril.

Depois do 25 de Abril, a Intersindical aparece à luz do dia como uma verdadeira força

organizada dos trabalhadores. Os sindicatos reorganizam-se, libertam-se das amarras a que o fascismo os havia submetido e começam a engrassar a organização central dos trabalhadores. O movimento sindical estende-se, reforça-se solidifica-se. A Intersindical, que o fascismo não conseguiu destruir, não tarda, dada a sua importância, em tornar-se num dos alvos preferidos dos inimigos dos trabalhadores.

As calúnia ou erros são os pretextos. A questão da unicidade foi a ocasião mais aproveitada. O movimento sindical conhece então uma das suas fases mais difíceis e não escapa às consequências duma discussão que muitas forças políticas aproveitaram habilmente para colherem os seus próprios dividendos.

Com todas estas disputas, continua na página 6

O movimento sindical não nasceu em Abril

SINDICATOS - Antes e depois

TAPETEIROS E CORDOEIROS DO CENTRO

— O Sindicato tinha uma direcção fantoche, dominada por um presidente que agia como rei e senhor, ao serviço do regime fascista e do patronato. A maioria dos trabalhadores, embora os patrões lhes descontassem a quotização sindical, ignoravam praticamente o Sindicato. As lutas que houve foram todas a nível de empresa e nunca enquadradas pelo Sindicato.

— Depois do 25 de Abril, a direcção foi destituída e formada uma Comissão Directiva, que veio a promover eleições, sem ser preciso alterar os estatutos. Os novos Corpos Gerentes restituíram o Sindicato aos trabalhadores que agora participam muito mais na vida sindical.

CORTICEIROS DO NORTE

— A direcção tinha alguns elementos positivos e permaneceu, depois do 25 de Abril, até ao fim do mandato, chegando a apoiar uma greve na «Edmundo Alves Ferreira».

— No fim do mandato, formou-se uma Comissão que promoveu eleições. A direcção eleita, que conduziu a revisão dos estatutos, esteve lá dez meses, sem que a sua acção aventureirista tivesse deixado saudades. O Sindicato é agora gerido por trabalhadores que restabeleceram o seu prestígio.

METALÚRGICOS DE AVEIRO

— com uma direcção ao serviço do regime fascista, a luta dos metalúrgicos foi enquadrada e dinamizada por uma Comissão de Metalúrgicos, tornando a classe numa das mais activas do distrito.

— o 25 de Abril trouxe a imediata destituição da Direcção pela classe, a revisão dos estatutos e formação duma Comissão Directiva Provisória constituída em maioria por trabalhadores da anterior Comissão de Metalúrgicos, e que geriu o Sindicato até às eleições de 1975.

MADEIREIROS DE AVEIRO

— a vida sindical era praticamente nula e o Sindicato pouco representava para os trabalhadores.

— a actividade animou-se depois do 25 de Abril, principalmente depois de empossada uma direcção em 1975, resultado do acordo entre duas listas. Houve novas eleições em Dezembro de 1977, mas subsistem dificuldades, pois apenas 40% dos trabalhadores estão sindicalizados e o patronato fica muitas vezes com as quotizações sindicais.

Logo a 15 de Novembro, são 20 os sindicatos que subscre-

O CICLO

continuação da página 8

partições, gabinetes mais ou menos técnicos, pareceres e outros, percorridos à velocidade com que em Portugal ainda se continua a medir o tempo necessário para estas coisas.

E, o que é mais grave, os responsáveis do MEC têm mostrado pouca responsabilidade, adiando constantemente a resposta aos muitos contactos que a Câmara tem estabelecido no sentido de fazer andar o projecto do novo edifício, nomeadamente a actual fase que é a de expropriação dos terrenos necessários. Ao que parece contra-argumentam atirando as culpas para cima da Câmara. Entretanto, a responsabilidade da obra passou para outro ministério, esperamos que com vantagem. É que neste vai-vém de ofícios, telefonemas ou, as mais das vezes, silêncio desanimador, se vão consumindo os dias e os meses, se vai comprometendo na prática o exercício do direito à educação, enfim, se vai arrastando o presente e comprometendo o futuro com os erros do passado.

Tempo de dizer: basta de tanto empatar! Ou será que ainda é pouco?

COMISSÕES DE PAIS

continuação da página 4

Com estes espírito foi possível que as Comissões desenvolvessem uma intensa actividade, arranjando recreios, procurando garantir o aquecimento das salas, melhorando, em muitos casos fazendo praticamente de novo, as instalações sanitárias, promovendo a iniciação desportiva e actividades culturais com as crianças.

«Quando aqui chegámos, eram os alunos e professores que faziam limpeza, o pó amontava-se por todos os lados por falta de cabides as crianças tinham de pôr os casacos no chão, atolavam-se na lama do recreio, tinham uns sanitários que eram uma vergonha. Fomos nós que esfregámos as salas, raspámos as carteiras e pagámos a uma servente até o ministério cá colocar duas empregadas de limpeza».

Hoje, muitas escolas, percorridas pelo esforço criador dos pais, apresentam outro aspecto, outras condições de trabalho, ganharam um pouco a forma dos sonhos de quem sempre quis para as crianças uma vida diferente. Mas as Comissões já não são o que foram. Muitas desapareceram entretanto, no alheamento do desinteresse, da desmobilização, quando não nas malhas tecidas na tentativa voluntária de as marginalizar e aniquilar.

Só os pais, juntamente com os professores, poderão salvá-las. Para isso é urgente que o crescente desinteresse dos encarregados de educação seja combatido eficazmente, é preciso que os pais não se mantenham distantes dos problemas do local onde os filhos passam uma boa parte do seu dia, da sua infância. De outra forma será mais uma perda na nossa tão pobre riqueza colectiva, um triste sinal dos tempos em que «viver a escola e os seus problemas» já não é possível.

O Movimento Sindical

continuação da página 5

quem não ficou a ganhar foram os trabalhadores, que agora vêm surgir de todos os lados as organizações «fabricadas» para os tentar dividir.

A tarefa destas organizações afigura-se-nos, no entanto, muito difícil. É a grande dificuldade chama-se C. G. T. P. / Intersindical. Saída dum Congresso dos Sindicatos, que ficará como um marco histórico do movimento sindical, pela participação que reuniu, a C. G. T. P. continua a acção de geradora e defensora da unidade dos trabalhadores, com a confiança dos trabalhadores ainda mais alargada.

ACTIVIDADES DA NASCENTE

TEATRO — Na passada sexta-feira pelas 21,30 horas a peça «UM DIA MEMORÁVEL PARA O ERUDITO SR. WU» deu um espectáculo na biblioteca pública de Oleiros, bem como a peça «O Rei com Crista de Galo».

CORO — O Coro Popular de Espinho deu no passado domingo pelas 15,30 horas um espectáculo na sede do Sindicato dos Tapeteiros em Cortegaça.

CINECLUBE — Com os «ALMADRABA ATONEIRA» e «VILARINHO DAS FURNAS» o cineclube iniciou na passada sexta-feira, um ciclo do cinema português que terá continuidade.

FOTOGRAFIA — Vai fazer a cobertura das comemorações do 2.º Aniversário da Cooperativa, para além da reportagem das comemorações do 25 de Abril em Espinho e no concelho.

CENTRO LIVREIRO

Livro em promoção durante o mês de Abril

CASAS PARDAS de

Maria Velho da Costa (Prémio cidade de Lisboa 1977)

Preço de promoção 236\$00

Preço de capa 295\$00



ETC. e TAL

LIDO E OUVIDO

BISPOS: «E VIVA O CHEFE!»

As recentes alterações ao Código Civil, no domínio da família, foram recebidas com natural regozijo por parte de todos os portugueses. Julgávamos que era opinião unânime. Mas já não é. Opõem-se, nem mais nem menos, os bispos do nosso país. Consideram que a legislação vai contra a doutrina cristã, essa doutrina que prega a suprema igualdade, o «ama o próximo como a ti mesmo» e até «ama também o teu inimigo».

Os bispos não concordam com o fim do «chefe», com a igualdade do homem e da mulher, com a dignidade dos filhos «ilegítimos», com os direitos por todos repartidos. Falam de «tutela jurídica do concubinato», de «larga facilitação do divórcio», de «regulamentação exagerada e formalista do princípio de igualdade entre os cônjuges», de «enfraquecimento do vínculo da filiação procedente do casamento». No fundo, a velha tendência de não acertarem os relógios pelo tempo da história...

PALIDOS, MUITO PALIDOS...

Após uma forte movimentação da opinião pública internacional, Jimmy Carter suspende o fabrico da Bomba de Neutrões. Respirar fundo (temporário?) e alegria em quase todo o mundo. Quase, porque os chineses não gostaram. Que não, que a ameaça soviética, que as demonstrações de fraqueza, que a defesa da civilização ocidental (ou seria oriental?). Cheia de surpresa, esta China que fez uma Revolução e que, volta e meia, nos deixa os olhos em bico...

LIÇÃO DE ARITMÉTICA

A operação 1+1=2 decorre de uma lógica primária que todos utilizamos no dia-a-dia. Aprendemos na escola. Mas os que aprendem na escola têm, como se costuma dizer, «outra escola». Lucas Pires, menino maroto do CDS, vem provar-nos que 1+1=1, ou seja, que CDS+PS=CDS. Ai o indiscreto! Era Freitas, era Amaro, era Basílio, todos a convencer-nos que, para eles, governar com o PS era salvar Portugal. Agora Lucas Pires perde o sentido das conveniências, esquece-se da lição e revela: «Juntámo-nos ao PS para melhor o podermos combater». Dizem que deu polémica, coisa pouca. Já tudo andava meio desconfiado...

CARROCEL «MAGICO»

O ordenado mínimo é de 5.700\$00. O máximo é de 60.000\$00. Compreende-se. Com a vida ao preço que está gasta muito mais dinheiro o rico do que o pobre. Este compra broa, vinho tinto, frango, couves, coisas baratas; aquele tem que ir à lagosta, ao bife, ao lombo, ao whisky, coisas caríssimas hoje em dia. É o humor negro: «A cada um segundo as suas «necessidades»...».

Os impostos também sobem e descem. Dentro da mesma lógica «mágica» que quer fazer de todos nós homens ricos e proprietários, conseguiu-se uma fórmula feliz: quanto mais rico se for, menos imposto se paga. É o que se chama «incentivar as riquezas nacionais! O imposto complementar e profissional, pago por quem trabalha, sobe 50% a 60%. O imposto de capitais, pago por quem tem dinheiro no banco, sobe uns 30%. Conclusão: mais vale ser rico e ter dinheiro no banco do que matar-se a trabalhar. Aproveite-se a sugestão...

Reportagem em cima da história

Em 25 de Abril de 1974 ainda não havia «Maré Viva». Mas já nos roía o «bichinho» do jornalismo a tal ponto que, ao sabermos a boa nova, marcámos encontro a uma esquina (foi o melhor que se pôde arranjar para instalações), debatemos a tática a seguir, conferimos os relógios e dispersámos, rumo à reportagem, para pontos estratégicos combinados.

Apesar de vários insucessos, que a nossa inexperiência não perdoou, pudemos ainda trazer hoje para aqui históricas tomadas de posição de figuras não menos históricas da nossa praça. Só agora o fazemos por absoluta falta de espaço, o que os leitores compreenderão se tiverem em conta até agora todos os «Maré Viva's» saíram completamente cheios.

Como não podia deixar de ser, um dos nossos destinos foi o imponente edifício onde sabíamos irem reunir as «forças vivas» da urbe, para a análise da situação, ponto que não constava da ordem dos trabalhos inicialmente prevista.

Chegámos cedo, eram umas cinco horas da tarde. Entrados

no salão nobre, austero e silencioso, resolvemos acomodarmo-nos pendurados num reposteiro, para não perturbarmos a tranquilidade de quem quer que chegasse. O tempo foi-se passando, pacientemente, até que, noite caída, começaram a chegar as individualidades que iam trocando monossílabos, enquanto ocupavam os seus lugares junto à comprida mesa de castanho. Correram-se as cortinas acenderam-se as luzes e notámos, com curiosidade, que todo usavam sapatilhas e óculos escuros, o que ainda dava um tom mais morto àquele grupo de «forças vivas».

O silêncio instalou-se durante cerca de meia hora, só interrompido por um senhor bem vestido, que se virou para os outros dizendo:

«Já lhes mostrei este relógio que trouxe da Suíça?» Mas decididamente aquele não era dia para leviandades e a única resposta que teve foi uma boa «lamparina» do que estava ao seu lado direito. Pelo jeito, ficámos logo a saber que era aquele o chefe.

Algum tempo passado, este último aclarou a voz, numa ati-

tude de quem ia dar início à reunião. Foi quando, surpreendido tudo e todos, apareceu o único que faltava envergando um fato-macaco visivelmente exíguo para as suas dimensões e um capacete, que soubemos depois ter trazido como recordação duma visita à Siderurgia. O chefe não pôde evitar um ligeiro sorriso, prontamente acompanhado pelos demais.

Restabelecida a ordem, o chefe declarou: «Vamos dar início aos trabalhos». O do relógio repetiu a graça dizendo: «Em trabalhos já estamos nós metidos». A resposta a este aparte pouco optimista resumiu-se agora a um pesado cinzeiro de alabastro que errou o alvo e bateu com estrondo na parede.

Começaram a falar baixinho, de modo que não podíamos perceber o que se estava a discutir. Fomos tentando apurar o ouvido e tão desajeitadamente o fizemos, que o reposteiro não cedeu a este último esforço e caímos desamparados no meio da sala. Como tínhamos o jantar à espera, aproveitamos para batermos rapidamente em retirada, deixando-os todos levantados e de mãos no ar.

PROBLEMA

N.º 1

BRANCO SIMÉTRICO

HORIZONTALIS

1 — Quinze organizações populares propuseram-nas para o 25 de Abril, mas foram rejeitadas pela Assembleia Municipal; 2 — Perceber; o braço armado da O. L. P.; 3 — Cabo da ilha de Islay, na Grã-Bretanha; asneiras; artigo indefinido antigo; 4 — Deixou o Comando da Região Militar do Sul, mas

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1											
2											
3											
4											
5											
6											
7											
8											
9											
10											
11											

ainda está no C. R.; 5 — Proposição; duas partidas ganhas no «whist»; pata; 6 — Por baixo de; assentimento; pequena cidade da Dinamarca, perto de Aalborg; 7 — Salários; representa cerca de três milhões de trabalhadores portugueses; 8 — Ponde de lado; 9 — Mulher de casta dos nairros, no Malabar; molusco gasterópode comestível;

vel; 10 — Agora chama-se Ho Chi Minh; incendiar; 11 — Programaste.

VERTICAIS

1 — Cooperativa de consumo cá da terra; 2 — Celebrou há dois anos o bicentário da fundação; maior; rio da Suíça; 3 — Cinquenta e cinco; separa a Ásia da América do Norte; 4 — Pico dos Alpes suíços; trabalha à noite; 5 — Rio dos Estados Unidos que desagua no Golfo do México; afluente do Danúbio da R. F. A.; 6 — A milésima parte do quilograma; abandonou o cargo de Chefe do Estado Maior do Exército após o 25 de Novembro; 7 — Medem; semelhantes ao voo; 8 — Contrair matrimónio; serve para ir às compras; 9 — O inverso do porco, abanas; 10 — A água na França; partido trotskista português; o roedor perdeu a cauda; 11 — O Otelo deste dramaturgo não teve nada a ver com o 25 de Abril.

(Soluções no próximo número)

DESPORTO:

O QUE RESTA DE ABRIL ?



A revolução do 25 de Abril propagou-se por todos os sectores da vida portuguesa e os desporto não deixou de repercutir a vontade de mudança que animou as populações.

Utilizado pelo fascismo como um meio de grande impacto para a despolitização e alienação das massas populares, marginalizado do fenómeno cultural, o desporto foi agitado por um impulso renovador tendente a torná-lo numa prática extensiva a todas as camadas sociais, inicialmente pela própria iniciativa popular e depois enquadrado pelas estruturas responsáveis pelo desporto nacional.

O Encontro Nacional do Desporto (ENDO) foi um marco importante na discussão e orientação do expansionismo da actividade desportiva e fez nascer importantes movimentos de efectiva democratização do desporto: JUVENDO, organizado pela D. G. D. e orientado para as camadas juvenis, o Movimento Voluntário Desportivo (M.V.D.), que nasceu da resposta dos milhares de «carolas» em todo o país e dirigido às iniciativas populares, e o MODI (Movimento de Desporto Infantil), que se debruçava sobre a educação física e desportiva no ensino primário.

Com o 25 de Novembro, todos estes projectos e iniciativas (como muitos outros) foram abandonados. Os novos dirigentes desportivos passam a encarar a promoção do desporto como uma tarefa de «regionalização» e «descentralização», ignorando que estes princípios não tocam no essencial, ou seja, no desporto como privilégio de classe que ainda é. Aliás, e dentro da orientação da política nacional então assumida, seria extremamente difícil fazer avançar o desporto no sentido da emancipação das massas populares, quando por outras vias lhes era negada essa emancipação.

Enfim, o desporto ainda consegue manter algo do que de novo se tentou fazer dele. Pelo menos, as populações continuam acreditar nas suas iniciativas e vai-se caminhando timidamente para uma descentralização, que não toca no essencial, mas que, pelo menos, tenta descentralizar.

CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPINHO

A cargo da notária Lic. Maria Fernanda de Vasconcelos de Aguiar da Fonseca e Castro.

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 14 de Março de 1978, lavrada de folhas 102 a 103 verso do livro de notas para escrituras diversas E-número 8, deste cartório notarial de Espinho, ALBERTO DE PINHO FAUSTINO dividiu a sua quota de 995.000\$00 que possuía na sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada «QUINTAS, FARIA & BERNARDES», com sede na Rua Dezasseis, número 766, desta cidade, freguesia e concelho de Espinho, em três quotas, sendo duas de 400.000\$00 cada uma e uma de 195.000\$00, e reservou uma delas de 400.000\$00 para si e cedeu a outra de 400.000\$00 a JORGE TAVARES DA SILVA, e cedeu a de 195.000\$00 a JOSÉ DA SILVA DIAS.

E que, pela mesma escritura,

foram alterados os artigos quarto e oitavo do pacto social, aos quais foi dada a seguinte nova redacção:

Artigo quarto — O capital social, integralmente realizado e subscrito em dinheiro, é de 1.000.000\$00, e corresponde à soma das quotas dos sócios do seguinte modo: Alberto de Pinho Faustino, com uma quota de 400.000\$00; Jorge Tavares da Silva, com uma quota de 400.000\$00; José da Silva Dias, com uma quota de 195.000\$00; e Maria Felisberta de Carvalho Quintas, com uma quota de 5.000\$00.

Artigo oitavo — A gerência da sociedade, dispensada de caução e com ou sem remuneração conforme vier a ser deliberado em assembleia geral, compete aos sócios Alberto de Pinho Faustino, Jorge Tavares da Silva e José da Silva Dias, que desde já são nomeados gerentes, sendo necessária a assinatura de dois deles para obrigar a sociedade em todos os seus actos e contratos

Taça Nacional de Juvenis

ESPINHO, 5
ARCOZELO, 0

ESPINHO — Ricardo; Quintão, Maia, Victor Manuel e Brito; Sarabando (Cap.), Gaspar e Mascarenhas; Malheiro, Moreira e Herminio.

Depois de ter perdido por 5-2 frente ao Leixões, a equipa espinhense realizou um excelente jogo, que o resultado, por expressivo que é, traduz fielmente.

Com um pouco mais de sorte (que não teve no jogo com o Leixões), tudo leva a crer, que o Sp. Espinho venha a ocupar no final da prova um lugar de destaque.

HÓQUEI EM PATINS

CAMPEONATO NACIONAL DA 1.ª DIVISÃO

Valongo, 5 — A. A. E., 0

Em face dos resultados obtidos nos últimos jogos poder-se-á aceitar esta derrota tanto mais que o nosso adversário se apresentava credenciado.

A. A. E., 1 — Carvalhos, 2

TAÇA NACIONAL DE JUNIORES

A. A. E., 9 — A. A. Coimbra, 1

Vitória fácil perante um adversário que, embora estando a ganhar por 1-0, não ofereceu dificuldades.

CAMPEONATO REGIONAL DE INICIADOS

A. A. E., 9 — Valongo, 0

Mais um bom jogo com um resultado expressivo, como já é habitual. Duas partes se distinguem. Uma primeira em que o Valongo ofereceu larga resistência e a Académica embora em melhor nível não consegue traduzir esta diferença em golos. A segunda já quando o adversário não suporta mais o impeto dos academistas surgindo uma chuva de golos. E este vai sendo o figurino tradicional.

INFANTIS

A. A. E., 0 — F. C. Porto, 1

Vitória que nos parece certa perante um adversário algo melhor.

PRÓXIMOS JOGOS
1.ª DIVISÃO

Pav. A. A. E.

Dia 24 às 22 horas
A. A. E. — Sanjoanense

HÓQUEI EM CAMPO

1.ª CATEGORIA

Académico, 0 — A. A. E., 0

ANDEBOL

CAMPEONATO NACIONAL DA 2.ª DIVISÃO

S. C. E., 19 — Padroense, 14

Com mais esta vitória, os espinhenses mantêm-se firmes no comando do nacional, sem ainda terem conhecido o amargor da derrota.

ESTA CONFORME ORIGINAL

Espinho e cartório notarial, 13 de Março de 1978.

O Ajudante do Cartório,
José dos Santos Sil

S. C. ESPINHO, 1 - S. C. BRAGA, 0

Jogar bem e defender melhor

REGRESSOS — Com o público incomodado pelo tempo abafado e a importância do encontro, a entrada das equipas não trouxe nada de novo no que respeita ao Braga, mas já no Espinho se notava a entrada de Malagueta para o lugar de Móia, o regresso de Manuel José à sua função de patrão, libertado por Gonçalves que, semi-recuperado, voltava ao seu lugar de central.

O «HOMEM A HOMEM» E O GOLO — Com Gonçalves a líbero, a defesa jogava homem a homem: Raul para Chico Gordo, Coelho para Lito e Amaral para Nelinho. Mas veio o golo de Canavarro (cabeça de Reis e remate de Canavarro à meia volta) e não houve tempo para se ver se a tática funcionava, porque começou a ir tudo lá para trás.

GONÇALVES — o defesa espinhense só tocava a bola com o pé esquerdo e quando o fazia com o direito, não podia esconder a dor. Parecia destinado à substituição logo aos 5 minutos, mas conseguiu aguentar com admirável espírito de sacrifício e justificou plenamente as felicitações muito especiais de Mário Morais no fim do jogo. Mas terá agravado a lesão?

MUDANÇA — aquilo na primeira parte era impróprio para cardíacos e o intervalo teve o efeito de um gongue no fim de um assalto de boxe. Mas veio a segunda e o meio campo

do Braga «deu o berro», permitindo aliviar um pouco os nervos dos jogadores espinhenses. Ali o 1-0 estava para durar, porque o Braga chegava à divisória e despejava logo lá para cima.

CANTOS — Apesar do Espinho se ter sacudido um pouco e Carvalho ter tido o 2-0 no pé direito, a marcação dos cantos no lado sul até tinha piada. Vinha tudo defender, vinha o Reis, vinha o Canavarro e só não vinha o João Carlos porque já tinha ido tomar banho.

O PATRÃO — ninguém jogou mal entre os da casa. Muito bem até estiveram Raul, Amaral, Acácio, Canavarro e Gaspar. Só que Manuel José passou das marcas em serenidade, em visão de jogo e nas quebras de ritmo que os anos de futebol ensinam a fazer como ninguém

FIM — A segunda parte durou cerca de «duas horas», mas tinha que acabar. Acabaram os sustos e depois fez-se festa. O público de cá festejou (o de Braga, nem por isso), os jogadores também e Gaspar foi o mais expansivo.

DOMINGO — Não é o de ontem por só houve taça. É o próximo em Setúbal. Temos para nós que aqui se pode ir buscar o pontinho fora que é capaz de ser preciso. O Vitória nem está muito necessitado e os cem anos do seu meio campo não vão chegando para as trinta encomendas do campeonato. Vamos lá ver.



VOLEIBOL

CAMPEONATO NACIONAL DA 1.ª DIVISÃO

Esmoriz, 3 — S. C. E., 1
Leixões, 3 — S. C. E., 0

CAMPEONATO NACIONAL DE JUNIORES MASCULINOS

S. C. E., 3 — Vianense, 1

CAMPEONATO NACIONAL DE JUNIORES FEMININOS

S. C. E., 3 — Cerveira, 1

CAMPEONATO NACIONAL DE INICIADOS

S. C. E., 3 — Esmoriz, 2

Após 5 jornadas, os seniores do S. C. E. continuam sem averbar uma vitória, o que é, de facto, bastante desolador. As equipas jovens, felizmente que

não têm seguido o exemplo dos mais velhos e têm vencido quase todos os jogos, decidindo-se no próximo fim-de-semana o seu provável apuramento para as respectivas fases finais.

II DIVISÃO — FEMININA

A. A. E., 0 — Vianense, 3

Quando tal não era de prever a equipa académista claudicou perante um adversário que se mostrou essencialmente aguerrido embora também no plano técnico mostram boas qualidades.

Mas o poder ofensivo bem como insegurança na defesa baixa terão sido os pontos fracos dos locais.

Reconhecendo o vazio provocado pelo calendário de provas da F. P. V. a Associação de Voleibol do Porto promove um Torneio de Encerramento em participação todas as equipas já «arrumadas» dos Nacionais.

Amor de Maio

Encontrei-te subitamente numa manhã de Abril mesmo à esquina da vida. A nossa alegria foi tanta meu amor que voámos de mãos dadas por todas as ruas e campos do país. E o nosso país era uma grande bola de cristal com o sol lá dentro.

E chegou Maio. Foi naquela praça que nos beijámos pelo primeira vez, ao som da nova canção. As nossas bocas eram vermelhas de desejos e o sol roçava-se pelos nossos corpos abraçados.

Ms o nosso amor cedo começou a ser invejado. Os espíões dos amores livres seguiam-nos. Em cada aldeia ou cidade, em seara ou fábrica, em cada lugar onde fazíamos amor, lá estavam eles com os seus olhos de pedra, fitando-nos.

Lembras-te daquela noite em que tu e eu deitados no cimo dum monte de feno contemplávamos a grande estrela da manhã... Depois foi o fogo ateado à nossa volta por mãos que só conhecem o frio do metal.

E a disputa de ti começou. Não para te amarem como te amo, não. Servem-se de ti como de um prato de papel que depois de usado deita-se no primeiro monte de lixo que se encontrar.

Para esses a quem sempre o amor nunca foi além deles próprios, não passas duma prostituta anónima.

Convidam-te para os grandes festins nos palácios roubados, passeiam-te em velozes automóveis, dedicam-te homenagens com coloridos discursos, vestem-te de peles e joias, exibem-te na praça pública, naquela mesma praça onde pela primeira vez nos amámos com toda a força dos amantes.

E é essa força que nos faz lutar contra a mentira das joias, contra as mãos que nos apontam as armas venenosas, contra os ventos da história que sopram o destino que nos impõem...

A flor vermelha que plantámos em Maio dará sementes que inundarão a terra inteira, e a Terra será a grande bola de cristal com o sol lá dentro.

Alexandre Falcão

É a Escola do Ciclo Preparatório de Espinho, com deficiências de instalações já bem conhecidas, talvez por isso mesmo praticamente aceites por todos como mal inevitável e que é preciso ir aguentando. Mas que nem por isso custa menos aguentar. Se começarmos por uma ponta para acabar na outra, será uma lista de razões que nos fazem sorrir amargo quando pensamos que os nossos filhos passam todos por lá, sim, que aquilo, ainda por cima, é uma escola de frequência obrigatória, mas nem assim parece haver mais preocupação por dar condições a quem está a gozar dum direito que devia merecer a maior atenção: são as salas acanhadas, com as carteiras tão juntas que o professor nem podia chegar junto dos alunos; são as salas onde nunca entra luz porque as portadas das janelas têm de estar sempre fechadas, pois que vidros, em muitos casos, é coisa que já não existe... nem caixilhos para segurar as que se queiram pôr de novo; são salas que ameaçam ruína, pois, isso estão já definitivamente fechadas; é a nenhuma segurança dos edifícios, a facilitar a constante intromissão de elementos estranhos e os assaltos nocturnos; é a falta de cobertos para os alunos se protegerem da chuva nos intervalos das aulas (isto para não dizer que nem nalgumas salas estão protegidos, já que não faltam as salas onde também chove...); são as caricatas instalações onde alunos e alunas se equipam e desequipam para as aulas de educação física, sendo, por vezes, as próprias salas de aula a servir de balneários; que balneários só por anedota, porque chuveiros é coisa com que apenas se sonha, sobretudo em tardes de calor e depois de mais umas boas corridas...

Podíamos continuar com o rosário, mas talvez não valha a pena. E não porque a escola não tome posição perante tal estado de coisas (são muitos os alertas feitos pelo Conselho Directivo e os professores também não se cansam de chamar a atenção para a situação que se vive), mas porque os responsáveis (?) do MEC pouco mais têm feito do que visitar as instalações e recolher as informações que julgam necessárias... para nada ser feito.

Dir-nos-ão: para quê gastar cera com tão ruim defunto, quando já está programada a construção de um novo edifício para o Ciclo? Diremos: pois é, só que entre programar e executar vão as secretarias, re-

continua na página 6

São cerca de 1400 alunos, 100 professores e 20 funcionários. Estão divididos por três edifícios, uns em piores condições que outros mas todos a negar constantemente a condição de escola que por força lhes querem continuar a atribuir, como se para haver escola bastasse um amontoado de salas e carteiras e as bos-vontades de professores e alunos, dispostos que remédio, a aguentar e cara alegre, que ainda podia ser pior...



TESTEMUNHO - OPTIMISTA DE UM PROFESSOR

Trata-se de uma escola com todas as virtudes das demais, a começar pelo número excessivo de alunos em cada turma. Além disso, não se pode dizer que seja um Ciclo, porque estando repartido por três edifícios, talvez o termo que mais se lhe adapte seja o de Triciclo Preparatório.

No entanto, o que mais me agrada, pela sua beleza arquitectónica, é o chamado Palacete da Pena, que dava um belo «Casarão» para uma telenovela.

Aqui sinto-me maravilhosamente a dar as minhas aulas perante a atenção destes alunos tão motivados até pelas condições do edifício. Faz um pouco de corrente de ar, por causa de todos estes vidros partidos, mas é profundamente emocionante saber que, por cima de mim, já fecharam o torreão por ameaçar ruína. Quem lá for e olhar para o tecto até vê o céu!

E o lago que se forma na sala de professores quando chove?! Há algo de mais motivante para quem ensina?

E então, depois de ter estado o ano passado em estágio e ter ouvido falar tanto em criatividade, agora é que tenho todas as possibilidades de pôr em prática o que aprendi. Tenho que arranjar maneira de todos os alunos verem para o quadro, apesar de os da esquerda, os do centro e os da direita repetirem constantemente que não vêm de modo algum; tenho que conseguir ligar à electricidade os gravadores, os projectores, enfim os célebres audio-visuais, mesmo sabendo que a instalação vai «dar o berro»; tenho que falar e ensinar a falar (isto de ser professor de Francês é mesmo para dar à língua), ainda que a sala esteja submersa numa nuvem de pó — belo aperitivo para o almoço!

— porque a limpeza aqui tem de ser feita durante as aulas.

O que mais poderia preocupar os medrosos é, de facto, o estado ruinoso deste palacete, que se vê à vista desarmada. Contra o medo, porém, há a garantia (de boca, é claro!) de certos «técnicos» de que o edifício aguentará muito tempo. Além disso, o Inverno já acabou e o risco far-se-á sentir menos agora, de modo que ninguém tomará medidas.

É claro que não vou afirmar que isto vai mesmo cair, porque ainda vinham por aí os papás dizer que o que eu não quero é trabalhar. Além de que, se eu tivesse a certeza do sinistro, deixaria de ser professor e passaria a astrólogo. Pelo menos, não sofreria mais aquela chatice toda das colocações...

Antero Monteiro

OUTROS TESTEMUNHOS

Escola implica qualidade, possibilidade de convívio que passa obrigatoriamente por instalações adequadas. Com parágrafos em risco de sinistro permanente, material de terceira idade e total inexistência de espaços que suscitem ambiente favorável, não se poderá exigir qualquer tipo de qualidade pedagógica.

Jorge Ferreira — professor

Pode-se afirmar que se fosse aplicado à nossa escola o mais benevolento dos regulamentos de sanidade e habitabilidade para construções, esta seria encerrada imediatamente.

José Pacheco Pereira — professor

Custo de Vida e Conselho Municipal NA ASSEMBLEIA MUNICIPAL

A Sessão uma das mais longas, pois terminou cerca das 3 da manhã iniciou-se com a continuação do Período de antes da ordem do dia. Foi aprovada uma Moção a enviar à CP, contra o mau serviço de bilheteiras na estação de Espinho e a notificação do horário do comboio Porto-Ovar, que muito prejudica os passageiros. Outra moção aprovada foi a apresentada pelo PS em que se manifestava o desacordo pelo abate da massa arbórea do futuro Parque Municipal e em que se pedia medidas às entidades governamentais. Também a carreira de camionagem entre Ovar e Matosinhos, a cargo da Auto Viação de Espinho, e que não serve os passageiros nas localidades intermédias, mereceu atenção da Assembleia que aprovou uma moção apresentada pelo PSD em que se pedia ao Executivo para interceder junto da concessionária no sentido de alargar esse serviço pelo menos à freguesias do concelho.

Porém o período de antes da ordem do dia viria a ficar assinalado pela polémica à volta de uma moção apresentada por Jorge Carvalho da FEPU, contra o aumento do custo de vida. Contra ela se manifestou o Pre-

sidente da Mesa, dizendo que a simplicidade em que se abordava o assunto era demagógica e que esta situação era a única possível no momento actual. Antenor Pereira do PS manifestou-se como trabalhador que é dando o seu acordo à moção. Considerando estar-se a fazer política partidária, Ferreira de Campos do PSD classificaria de inadmissível o que se estava a fazer na Assembleia. Apesar de todas as discordâncias a Assembleia viria a aprovar a moção, a ser enviada aos órgãos governamentais.

Na ordem do dia passaria sem grande discussão a anuência ao Congresso Autárquico, e a cedência do caminho em Barancos, lugar da Congosta, em Anta.

Já a composição do Conselho Municipal suscitaria certa discussão, sobretudo na distribuição dos lugares referentes a organizações de carácter social e de carácter profissional. Defendendo a de 4 elementos dos sindicatos manifestou-se Jorge Carvalho justificando a importância do movimento sindical. Pela inclusão dos estudantes se manifestaria o PS e o PSD, o que viria a dar resultado a aprovação da composição do

Conselho Municipal com 2 elementos nas organizações económicas (Associações Patronais - 1; Cooperativas - 1), 5 elementos nas organizações de carácter social (Associações e Comissões de Moradores - 1; Bombeiros - 1; Associações de Estudantes e Estudantes Trabalhadores - 1; Associações de Assistência e Misericórdia - 2) Organizações de Carácter Cultural 3 elementos (Associações culturais e recreativas de âmbito concelhio - 1; Associações culturais, desportivas e recreativas de âmbito de Freguesia - 1; Associações desportivas de âmbito concelhio - 1).

Já tarde na madrugada discutiu-se o relatório e contas da Câmara referente a 1977, em que se apresentou um saldo positivo da ordem dos 34 mil contos. A Assembleia viria a aprovar por unanimidade o Relatório e as Contas.

Quando sair o nosso jornal ter-se-á já realizado a Sessão em que será discutido o 1.º Orçamento Suplementar para 1978 e que prevê uma verba de cerca de 53 mil e 500 contos. Sobre ela falaremos no próximo número.

